

SHAKESPEARE NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS: NÚMEROS E REFLEXÕES

Adriana da Costa TELES
Universidade de São Paulo¹

RESUMO: Shakespeare foi um dos autores mais lembrados pelo escritor brasileiro Machado de Assis. Em pesquisa recentemente realizada, identificamos que Machado cita Shakespeare e/ou suas peças mais de trezentas vezes, em cerca de cento e setenta textos. Considerando toda a produção do autor, são citadas vinte peças do dramaturgo inglês, que são, obedecendo a cronologia em que surgem: *Romeu e Julieta*; *Hamlet*; *Otelo*; *Como Queira*; *Antônio e Cleópatra*; *Tudo está bem quando acaba bem*; *Rei Lear*; *Macbeth*; *Coriolano*; *O mercador de Veneza*; *Medida por medida*; *Júlio Cesar*; *A tempestade*; *Noite de Reis*; *Cimberlino*; *Sonho de uma noite de verão*; *Ricardo III*; *Muito barulho por nada*; *As alegres comadres de Windsor* e *Henrique IV*. Há, além disso, uma referência duvidosa a *Timão de Atenas*, o que elevaria para vinte e uma, o número de peças citadas pelo escritor brasileiro, além de uma citação do poema *Vênus e Adônis*. O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve discussão sobre a presença de Shakespeare na obra de Machado. Para tanto, serão apresentados alguns dados de natureza geral para, em seguida, discutirmos rapidamente essa intertextualidade nas peças mais citadas pelo autor: *Hamlet*, *Otelo* e *Romeu e Julieta*.

PALAVRAS-CHAVE: Shakespeare; Machado de Assis; citações.

ABSTRACT: *Shakespeare was an author always remembered by the Brazilian writer Machado de Assis. In a research recently undertaken, I identified that Machado quoted Shakespeare and/or his plays more than three hundred times in about a hundred and seventy texts. Considering his whole production, twenty Shakespearean plays are remembered. They are: Romeo e Juliet; Hamlet; Othello; As You Like It; Antony e Cleopatra; All's Well That Ends Well; King Lear; Macbeth; Coriolanus; The Merchant Of Venice; Measure For Measure; Julius Caesar; The Tempest; Twelfth night; Cymbeline; A Midsummer Night's Dream; King Richard III; Much Ado About Nothing; The merry wives of Windsor e King Henry IV. Besides these, there is a doubtful quotation about Timon Of Athens, which would elevate the number to twenty one. There is also a quotation of the poem Venus e Adonis. This article aims at presenting a brief discussion about the presence of Shakespeare in Machado de Assis's production. I am going to focus the discussion of this intertextuality in the plays Hamlet, Othello and Romeo e Juliet.*

KEYWORDS: *Shakespeare; Machado de Assis; quotations.*

Introdução

Shakespeare foi um dos autores mais citados por Machado de Assis. Em mais de cinquenta anos de carreira, o autor brasileiro se referiu ao bardo inglês e/ou a seu trabalho mais de 300 vezes em cerca de 170 textos, considerando os vários gêneros em que compôs.

¹ Este trabalho é proveniente de nossa pesquisa de pós-doutorado realizada na Universidade de São Paulo com bolsa da FAPESP.

É isso o que demonstra o levantamento que realizamos a partir da leitura de toda a obra do autor brasileiro, dando prosseguimento ao trabalho realizado por José Luiz Passos em *Machado de Assis: o romance com pessoas* (2007). A leitura da obra do autor brasileiro nos levou a constatar que Machado cita vinte peças de Shakespeare, que são, obedecendo a cronologia em que surgem: *Romeu e Julieta*; *Hamlet*; *Otelo*; *Como Queira*; *Antônio e Cleópatra*; *Tudo está bem quando acaba bem*; *Rei Lear*; *Macbeth*; *Coriolano*; *O mercador de Veneza*; *Medida por medida*; *Júlio Cesar*; *A tempestade*; *Noite de Reis*; *Cimberlino*; *Sonho de uma noite de verão*; *Ricardo III*; *Muito barulho por nada*; *As alegres comadres de Windsor* e *Henrique IV*. Há, além disso, uma referência duvidosa a *Timão de Atenas*, o que elevaria para vinte e uma, o número de peças citadas pelo escritor brasileiro, além de uma citação do poema *Vênus e Adônis*.

A leitura extensiva da produção de Machado nos leva a perceber que Shakespeare se faz presente em seus textos praticamente desde o início da carreira do escritor e vai até a sua obra final, *Memorial de Aires*. Machado, como sabemos, teve seu primeiro trabalho publicado em janeiro de 1855, quando contava quinze anos e meio de idade. A primeira referência a Shakespeare no todo de sua obra se deu em 1859, menos de cinco anos após ter tido seu primeiro texto publicado, portanto. A citação estaria no conto “Madalena”, publicado originalmente na *Marmota* (outubro-novembro do referido ano). No entanto, o conto é de autoria duvidosa. Jean-Michel Massa discute a questão em *A juventude de Machado de Assis* (1971), quando aborda a publicação do conto e da tradução “Bagatela”, de Machado. Ambos os textos teriam sido publicados na *Marmota* no mesmo período, o primeiro com a assinatura M. de A. e o segundo com as iniciais M.A., que uma nota esclarecia se tratar de Machado de Assis; “M. de A.”, por sua vez, não vem acompanhada de nenhum esclarecimento. Para o pesquisador francês, a dúvida se dá pelo fato de que um conto também chamado “Madalena” teria sido impresso alguns meses mais tarde numa publicação popular intitulada *Folhinhas*, sob o nome de Moreira de Azevedo. Para Massa, apesar de nunca ter conseguido um exemplar da publicação, “Tudo faz crer que se trata da mesma “Madalena”. Por conseguinte, M. de A. representava perfeitamente Moreira de Azevedo” (MASSA, 1971, p. 237).

Em 21 de outubro de 1859, Machado publicou a poesia “Ofélia”. A referência a Shakespeare na poesia escrita aos vinte anos de idade se faz, então, por meio do título, que remete à tragédia de *Hamlet*. Mesmo se descartássemos a referência feita a *Romeu e Julieta* em “Madalena”, continuaríamos tendo a primeira referência ao dramaturgo na obra de Machado quando este contava menos de cinco anos de carreira. As citações de Shakespeare que o autor faz em sua obra de ficção se estendem até o seu último romance, publicado no ano da morte do escritor, em 1908, como já citado aqui. Observamos, portanto, que a primeira e a última referência que Machado faz a Shakespeare se dão em sua produção literária.

No que diz respeito às crônicas, textos críticos e escritos diversos de Machado, a referência ao dramaturgo inglês se faz a partir de críticas teatrais publicadas no periódico *O Espelho*, que circulou no Rio de Janeiro de 04 de setembro de 1859 a 08 de janeiro de 1860, na qual Machado era encarregado de uma coluna semanal intitulada “Revista de Teatros”, e está presente em perto de cem textos do escritor, sendo a última referência encontrada em “Garret”, em 04 de fevereiro de 1889.

Atendo-nos especificamente à atuação de Machado como crítico e cronista, percebemos que a peça de Shakespeare mais citada por ele é *Hamlet*; já na ficção a mais frequente passa a ser *Romeu e Julieta*. Tomando o todo da produção do escritor, constatamos que as peças mais citada pelo autor são *Hamlet*, *Otelo* e, por fim, *Romeu e Julieta*.

Esses resultados não surpreendem, pois é sabido que Machado tinha admiração especial pela peça que dá conta das dúvidas do jovem príncipe dinamarquês. Em “Rossi. Carta a Salvador de Mendonça”, texto escrito na ocasião em que o famoso ator italiano Ernesto Rossi esteve no Brasil e encenou peças de Shakespeare, em 1871, Machado afirma ser esta tragédia “a mais profunda de Shakespeare”, e cuja representação afigurou-se “sempre um sonho difícil de realizar” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 525). Além disso, Eugênio Gomes em *Shakespeare no Brasil* cita a predileção de Machado por tais peças, embora não apresente dados muito precisos:

A obra de Machado de Assis traz frequentes alusões a Shakespeare e às suas peças, algumas com indícios de terem predominado sobre a concepção do contista ou do romancista, cuja preferência recaiu sobretudo nas tragédias *Hamlet*, *Otelo*, *MacBeth* e *Romeu e Julieta* (GOMES, p. 158, 1961).

De fato, os dados demonstram que há predomínios nítidos. *Hamlet* predomina na crônica; *Otelo*, no romance e *Romeu e Julieta* nos contos do autor. Em aspectos quantitativos, *Macbeth*, de acordo com o nosso levantamento, vem logo após as três tragédias citadas.

Há, como vemos, uma evidente predileção por parte de Machado pelas tragédias do bardo, que, como é sabido, são as peças mais conhecidas e apreciadas do cânone shakespeariano. Machado cita praticamente todas as tragédias de Shakespeare, com exceção de *Tito Andrônico*, a primeira desse gênero escrita pelo dramaturgo, e *Troilo e Crésida*, tragédias que não encontramos nos escritos do autor.

As tragédias mais citadas: *Hamlet*, *Otelo* e *Romeu e Julieta*

A grande quantidade de referências às tragédias *Hamlet*, *Otelo* e *Romeu e Julieta* na obra de Machado nos convida a refletir sobre suas respectivas presenças na obra do autor brasileiro. No que diz respeito a *Hamlet*, destacamos que a primeira referência que o autor faz à peça, tendo como base suas crônicas e textos críticos, se dá em uma publicação da série “Ao acaso”, no *Diário do Rio de Janeiro* em 1865, seis anos após a primeira referência ao autor em textos de ficção, portanto. Na crônica, a referência a Shakespeare surge quando Machado chama a atenção para a apresentação da peça *Ângelo*, de Vitor Hugo, fato que chama “ressurreição literária”, visto que, a essa altura, no Brasil, o teatro marcado por um entretenimento mais gratuito estava minando a produção que visava a uma maior preocupação literária: “Mais de vinte anos antes conquistara o mesmo drama

nas mesmas tábuas os aplausos de um público, muito mais feliz que o de hoje, um público a quem se dava o *Ângelo*, o *Hamlet*, o *Misanthropo* e o *Tartufo*” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 248). *Hamlet*, a essa altura, já contava com uma citação na poesia, feita em 1859, e uma no teatro, feita na peça *Hoje avental, amanhã luva*, de 1860. Nela, lemos: “Era elegante e bela há bons dois anos. Sê-lo-á ainda? Não será? Dilema de Hamlet.” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 864). O ano de 1865, na qual a tragédia inglesa aparece pela primeira vez na produção de Machado em textos não ficcionais, coincide com o da publicação de “Cinco mulheres”, texto que conta com a primeira referência a *Hamlet* na narrativa do autor. No conto, o narrador compara a fragilidade da personagem Marcelina à de Ofélia, afirmando: “Como Ofélia, parecia que estava destinada a colher a um tempo as flores da terra e as flores da morte”(MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 819).

Essas referências a *Hamlet* se configuram como elementos embrionários de uma presença que será constante na produção de Machado. As dúvidas, o desengano e a melancolia de Hamlet parecem casar-se com alguns temas recorrentes na obra do autor. As citações que Machado faz da peça, se referem, em sua maioria, a três momentos da tragédia: à fala do jovem príncipe após conversar com o fantasma de seu pai: “Há muita coisa mais no céu e na terra,/Horácio, do que sonha a nossa pobre/ filosofia”, no ato I, cena V; ao famoso monólogo do príncipe dinamarquês, na cena I do ato III e à cena do cemitério, na qual Hamlet, junto com Horácio, assiste à abertura da cova de Ofélia e logo após apanha a caveira de Yorick e tece considerações cheias de desengano e melancolia, no ato V, cena I.

A intertextualidade criada por Machado com *Hamlet* assume os mais variados toques. Em um primeiro momento, o que parece se destacar, inclusive pela predileção de Machado pelas cenas citadas, é o resgate de certo vazio e ausência de sentido que permeia a existência, o que é muito presente nessa tragédia de Shakespeare. É evidente que tal resgate surge recuperado por uma ótica irônica, que integra no cotidiano carioca e nos fatos mais banais e comecinhos um drama de primeira grandeza, deixando seu texto com certo ar de deboche que atualiza e intensifica o caráter universal e abrangente do teatro shakespeariano. Analisemos um exemplo. Ao trazer para discussão certo congresso de farmacêuticos anunciado pelo *Jornal do Comércio*, por exemplo, Machado afirma, na série “História de quinze dias”, de 1º de junho de 1877:

A ciência é o objeto especial e único do próximo congresso. Vai tratar-se dos efeitos do quinino e da pomada mercurial. Vamos saber em que dose o arsênico, feito em pílulas, pode dar saúde ou matar. Enquanto essas coisas ficam nos gabinetes interiores das farmácias, a gente vive feliz, recebe as pílulas, absorve-as, passeia, cria forças, sara. Mas tratadas à luz do dia a cousa muda muito de figura. Depois de um longo debate do congresso, se o meu médico me receitar arsênico em pílulas, com que cara as olharei eu? Que trazes tu, pílula? direi em forma de monólogo; a mão do farmacêutico escorregou no arsênico? trazes vida ou morte? Vou passear até a esquina ou até o Caju? Pílula, és tu pílula ou comparsa da Empresa Funerária? *It is the rub...* (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 364).

O congresso de farmacêuticos é, evidentemente, um pretexto para uma discussão mais ampla por parte do cronista. O propósito científico e o tema do encontro: discutir os efeitos do quinino e da pomada mercurial, por si só evidenciam o tom de zombaria do cronista. Medicamentos comuns no século XIX, usados para tratar, dentre outras coisas, febre, piolhos e vermes, sua alusão parece servir ao propósito de evidenciar a condição de fragilidade do homem, que organiza um evento supostamente importante para discutir como combater seu caráter vulnerável frente a coisas tão vis. As considerações do cronista evidenciam o tênue limite na qual vivenciamos a vida e a morte nas mãos de uma ciência que tenta, dentro de seus parcos limites, compreender e oferecer soluções a coisas que suplantam nossa condição. A afirmação de que saberemos em que dose o arsênico pode dar vida ou morte, sugere tais extremos em meio a qual circulamos e, ao invés de acalantar, pela segurança da suposta resposta, mostra justamente o quanto estamos expostos e o quanto somos frágeis, assim como os conhecimentos e as tentativas científicas em dar conta dos fatos. Ao se utilizar do texto shakespeariano e do famoso monólogo de *Hamlet*, Machado cria uma situação recheada de contrastes, a envolver ciência, quinino, pomada mercurial e arsênico: vida e morte, sabedoria e ignorância, o que estabelece um elo curioso não apenas entre os dois textos, mas entre o homem em dois tempos, colocando-o face a seus limites e frente à sua ignorância, independente do momento em que está.

Na poesia, ainda que o diálogo com *Hamlet* seja pequeno, lembremos que Machado escreveu o poema-paráfrase “A morte de Ofélia”, que se encontra no livro *Falenas*, de 1870, e que traduziu o monólogo “To be or not to be”, entre 1871 e 1873. No que diz respeito à ficção, as referências a *Hamlet* se multiplicam tanto nos contos quanto nos romances. Nos romances de Machado, *Hamlet* ganha citação em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, e *Esau e Jacó*.

Apesar do ar debochado e irônico, o conteúdo melancólico, a ausência de sentido que permeia os fatos e o vazio de *Hamlet* se mantêm no texto machadiano, como vemos a seguir, em crônica publicada na *Gazeta de Notícias* em 23 de abril de 1893:

Eu, se tivesse de dar *Hamlet* em língua puramente carioca, traduziria a célebre resposta do príncipe da Dinamarca: *Words, words, words*, por esta: “Boatos, boatos, boatos”. Com efeito, não há outra que melhor diga o sentido do grande melancólico. Palavras, boatos, poeira, nada, coisa nenhuma. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 978).

O eco das palavras shakespearianas no século XIX mostra a ausência de sentido de um contexto em que nada se apreende de fato, resultando em um todo esvaziado de sentido, em uma percepção niilista do mundo, o que poderia justificar a presença tão constante de *Hamlet* na obra de Machado de Assis.

A primeira referência a *Otelo* na obra do autor brasileiro se dá em uma crônica publicada na série “Comentários da semana”, em 16 de dezembro de 1861, no *Diário do Rio de Janeiro*, um ano antes de a tragédia surgir em sua ficção. Nesta, vemos a primeira referência em 1862, na peça *O protocolo*, na qual lemos a seguinte fala da personagem ELISA: “– Mutilado ele, que pretende fazer da mesquinha Desdêmona?” (MACHADO DE

ASSIS, 2008, p. 164). Observa-se, portanto, que *Otelo* é uma das primeiras peças do dramaturgo inglês a que Machado se refere e, como já pontuamos, uma das mais lembradas por ele.

Otelo possui inegavelmente presença marcante na obra do autor. Esta se faz, por um lado, pela retomada de alguns momentos específicos da tragédia: a cena III do ato I, em que o escritor brasileiro resgata o conselho dado a Rodrigo por Iago: “Põe dinheiro na bolsa” e a cena II do ato V: “Era falsa como a água”. A última aparentemente tem como fonte a tradução da tragédia feita por Alfred de Vigny, uma vez que Machado se utiliza da expressão “pérfida como a onda”, inexistente no original, mas uma opção do tradutor francês. Há, ainda, uma referência à cena III do ato I da tragédia: “Cuidado, Mouro!/Se olhos tens, abre-os bem em toda a parte;/se o pai ela enganou, pode enganar-te”.

É necessário ressaltar, no entanto, que a presença de *Otelo* na obra de Machado se faz de maneira um pouco diferente quando comparada à de *Hamlet*. Primeiramente, observa-se que o número de citações é menor quando contrapomos ambas as peças; além disso, *Otelo* notadamente predomina na ficção do autor, que se deixa contaminar muitas vezes por questões como a violência do ciúme do Mouro e a suposta perfídia feminina.

No que diz respeito às suas crônicas e textos críticos, é importante ressaltar que além da quantidade ser consideravelmente menor quando comparada a *Hamlet*, as citações se dão, na maioria das vezes, de maneira generalizadora. Não há, portanto, uma presença marcante desta ou daquela citação. Para dar um exemplo do que queremos dizer, leiamos a primeira referência que o autor faz à peça. No conhecido ensaio “Instinto de nacionalidade”, publicado em 24 de março de 1873, em *O Novo Mundo*, na cidade de Nova York, Machado faz um balanço da literatura brasileira daquele momento, destacando o nacionalismo como um sentimento que a animou o tempo todo: todas as formas literárias do nosso período romântico vestiram-se com as cores do país, ele afirma. No entanto, depois de constatar esse fato, pondera que o espírito nacional não se limita às obras que tratam de assunto local, o que limitaria os cabedais de nossa literatura. Não é preciso falar do índio e da paisagem para ser escritor brasileiro. Exemplificando seu pensamento, o escritor cita Shakespeare e alude a várias peças do dramaturgo, dentre elas *Otelo*: “perguntarei mais se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Júlio César*, a *Julieta e Romeu* têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 1205).

No que diz respeito à ficção do autor, a tragédia *Otelo* é citada na peça *O Protocolo*, de 1862, em vários contos e em cinco dos nove romances do escritor: *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena* – que conta com a única citação da cena I do ato III da peça –, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Na poesia, a tragédia aparece como uma espécie de mote para “Tristeza”, publicada em agosto de 1865. A presença mais constante de *Otelo* na ficção de Machado alude à problemática da desconfiança e do ciúme, sendo que a referência é ainda mais marcante como forma de abordar a alma feminina, uma preocupação recorrente na produção do autor.

A primeira citação que Machado teria feito de *Romeu e Julieta* estaria no conto “Madalena”, publicado em 1859, de autoria duvidosa, como tratamos de evidenciar páginas atrás. Independente dessa questão, no entanto, observamos que é, de fato, na ficção, que a tragédia surge pela primeira vez na obra do autor; trata-se da peça de teatro *O caminho da porta*, publicada em 1862, na qual lemos: “Também eu já trepei pela escada de seda para cantar a cantiga de Romeu à janela de Julieta” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 908). No que diz respeito às crônicas e aos escritos diversos do autor, a primeira referência à peça encontra-se na série “Ao acaso”, em crônica publicada no dia 7 de fevereiro de 1865 no *Diário do Rio de Janeiro*. No início dessa crônica, Machado fala sobre a contribuição das mulheres para a guerra do Paraguai e afirma que não é sob o ponto de vista de amantes apaixonadas que fazem parte do texto, mas como aquelas que auxiliam os que estariam servindo ao país: “Não entrais hoje neste folhetim, minhas senhoras, como Julietas ou Desdêmonas: entrais como Spartanas, como Philipas de Vilhena, como irmãs de caridade” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 250).

A presença de *Romeu e Julieta* na obra de Machado se dá quase sempre com a retomada de dois momentos da tragédia: a cena II do ato II, que mostra o idílio amoroso dos jovens que sofrem e se declaram no jardim dos Capuleto e a cena V do ato III, na qual Romeu, após escalar para o quarto da amada e passar a noite com a jovem, ouve, junto com ela, o canto de um pássaro, que afirma ser o da cotovia, anunciando o amanhecer e a necessidade fugir, a despeito de Julieta, que acredita ser o do rouxinol, que canta todas as noites no galho da romeira. No que diz respeito à cena II do ato II, ressaltamos que há cinco citações textuais da passagem, sendo quatro delas a conhecida indagação de Julieta: “Que há num simples nome?”, que aparece em três contos e em uma crônica do autor e a outra: “Oh, falou! Fala de novo,/anjo brilhante”, que aparece na poesia “Quando ela fala”, publicada em *Falenas*, de 1870. A cena V do ato III, por sua vez, se faz presente pela referência à situação que se constrói nessa passagem da tragédia e não propriamente por falas da cena. Trata-se de recuperar o empenho apaixonado dos amantes em se encontrar na noite anterior à partida de Romeu para o exílio em Mântua.

A predileção de Machado por essas duas situações da tragédia mostra o resgate do idílio amoroso juvenil presente em *Romeu e Julieta*. A leitura dos textos em que tais passagens aparecem mostra que estas quase sempre servem ao propósito de o autor ilustrar a intensidade e a pureza que caracterizam muitas atitudes e posturas da juventude. Como não poderia deixar de ser, essa retomada da tragédia se dá, na maioria das vezes, pelo viés da ironia, que deixa evidente uma recontextualização da situação apresentada na tragédia de Shakespeare.

As referências que encontramos a *Romeu e Julieta* na produção crítica do escritor não são tão numerosas quanto as que encontramos em sua ficção, onde predominam. É preciso observar, ainda, que as citações que o autor faz nesse tipo de texto, são, muitas vezes, alusões generalizadoras e, nesses casos, possibilitam poucos desdobramentos interpretativos no que diz respeito à discussão de como se dá o processo intertextual criado pelo autor com essa tragédia.

Apesar de a primeira referência a *Romeu e Julieta* na obra de Machado ser em uma peça de teatro, aquela é a única citação que o autor faz da tragédia em sua produção dramática. Na poesia, a referência a *Romeu e Julieta* também é pequena, ela se dá em três poemas publicados em *Falenas*, de 1870. Já na narrativa, as referências a *Romeu e Julieta* são em vasto número. Observa-se, no entanto, que elas são em número restrito nos romances; nestes a tragédia ganha citação apenas em *Helena* e *Memorial de Aires*, por outro lado, se multiplicam nos contos.

Conclusão

A admiração de Machado por Shakespeare é inquestionável. Já no início de sua carreira, quando atuava como crítico em *O Espelho*, Machado não escondia sua opinião: “Não se comenta Shakespeare, admira-se” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 175). Ao comentar a literatura dramática nacional em artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 24 de julho de 1861, Machado se refere à literatura como uma ceia sublime, “em que, como diz um escritor: – Shakespeare dá a comer e a beber a sua carne e o seu sangue” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 241). Apesar da idade reduzida – Machado contava então com vinte e dois anos incompletos –, o crítico teatral já parece ter, no escritor inglês, uma referência na dramaturgia.

Essa admiração por Shakespeare se reflete no número de citações e alusões que Machado faz do escritor em sua obra; segundo vários estudiosos, a presença mais sistemática de um autor na produção do brasileiro. É importante observar que um dos elementos que parece despertar a atenção de Machado de Assis é a ousadia de Shakespeare. No conhecido artigo em que comenta *O primo Basílio*, publicado em 30 de abril de 1878, por exemplo, Machado afirma:

Em relação a Shakespeare, que importam algumas frases obscenas, em uma ou outra página, se a explicação de muitas delas está no tempo, e se a respeito de todas nada há sistemático? Eliminais-as ou modificaí-las, nada tirareis ao criador das mais castas figuras do teatro, ao pai de Imogene, de Miranda, de Viola, de Ofélia, eternas figuras, sobre as quais hão de repousar eternamente os olhos dos homens. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 1241).

Mais do que o uso de palavras obscenas, a ousadia de Shakespeare está em romper com determinados paradigmas do teatro de seu tempo. À semelhança do que faz o dramaturgo inglês, Machado também extrapolou os paradigmas de sua época, como bem sabemos. A maneira pela qual incorpora Shakespeare a seu tempo e espaço – tão periféricos, para lembrar Schwarz – evidencia mais uma vez o fato. Nas personagens mais cotidianas e comuns surgem os grandes dilemas de Hamlet, o sofrimento de Romeu e Julieta, a ganância de Macbeth... A intertextualidade movimenta o texto inglês, que surge com cores novas, que só servem para realçar o brilho de ambos.

Referências

GOMES, E. **Shakespeare no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

MACHADO DE ASSIS: J. M. **Machado de Assis. Obra completa em quatro volumes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

MASSA, J. M. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PASSOS, J. L. **Machado de Assis: o romance com pessoas**. São Paulo: Edusp/Nankin Editorial, 2007.

SHAKESPEARE, W. **Teatro Completo**. Tragédias. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 2008.